3 Janeiro 1920

Num. 602 Anno XIII

TUDO FALSIFICADO

MELCHIOR — Onde foi que você arranjou esse incenso?
GASPAR — Isso não é incenso. São folhas de alfazema.

CASA COLOMBO
AVENIDA E OUVIDOR

Soffrimentos

OS padecimentos, as enfermidades e especialmente suas manifestações dolorosas e febris, tem sido o espectro ameaçador da Humanidade desde a mais remota antiguidade, symbolisadas mysteriosamente nas lendas mais ou menos terrorificas, como o é a representada por Prometheo amarrado a um rochedo e atacado por uma aguia.

As consequencias que a agitação da vida intensiva moderna traz comsigo — por effeito do prodigioso progresso humano em todos os sentidos, que augmenta consideravelmente o trabalho intellectual — traduzem-se em um incremento consideravel do soffrimento physico nos seres humanos, relativamente ao experimentado em épocas anteriores.

Preço do tubo com 20 comprimidos 2$500

HISTORIAS SABIDAS

Morrer por morrer...

O Manuel arranjou um lote numa colonia do governo e vivia do seu trabalho.

Todos os domingos elle enchia dois jacás de hortaliças, carregava o seu burro e ia vendel-as á cidade.

E assim ia ganhando, pobre mas honradamente a sua vida.

Uma vez lá vinha elle tocando o seu burro, na frente, carregado de aboboras, couves e quiabos, quando um rapaz pandego, que vinha da cidade a meio galope, num cavallo que vinha experimentando, se lembrou de fazer uma brincadeira com o camponio.

— O' Manuel, disse o rapaz, você vai seguindo seu caminho tão tranquillo, e não sabe o que vem ahi atraz.

— Que é? moço; perguntou o Manuel assustado.

— E' uma boiada brava que vem desembestada por ahi afóra. Os bois já mataram um homem a chifradas, e vêm ahi furiosos.

O Manuel, muito assustado, procurou um canto do caminho amarrou o burro na cerca, e acocorou-se atrás delle.

Dahi a pouco foi chegando um conhecido em sentido contrario.

— Oh seu Manuel, que é isso? está doente?

— Não senhor!

— Está descansando?

— Tambem não.

— Então que é isso?

— E' que ahi atraz vem uma boiada brava.

— E você então se esconde e expõe seu burro. Você não gosta delle?

— Gosto muito, sim senhor. Tenho-o eu ha dez annos, e me ajuda a ganhar a vida. E não é exigente, come o que se lhe dá.

— E para que é que você o amarrou nessa posição?

— E' porque, quando chegarem os touros, emquanto se vão entretendo com elle, eu me ponho a salvo.

— Então você não tem dó de seu burro.

— Tenho sim senhor. Mas sempre ouvi dizer que: «morrer por morrer... morra meu pai que é mais velho.»

1870
JANEIRO
1920
GRANADO & Cª.
Celebrando o
jubileu de sua fundação
agradecem a honrosa preferencia,
n'estes cincoenta annos de existencia
Commercial, da distincta classe
Medica e dos seus amigos e
freguezes, a quem cumprimentam
e auguram um novo
anno prospero e
feliz..

— Positivamente o Carvalho tem muito talento. O seu ultimo livro de versos *concretiza* todo o seu alto espirito.

— Queres que te dê o meu modo de pensar? Queres? Pois bem, repito inteirinha a tua fraze, apenas com uma variante no ultimo verbo. Acho que o seu ultimo livro de versos *concretiniza* todo o seu espirito.

Ha dias foi preso em Copacabana um cidadão suisso que tomava banho de mar com tanta ausencia de preconceitos como de roupas proprias para isso. O melhor, porém, de tudo foi que um chefe de familia, indignado, (porque o banhista não era do outro sexo, já se vê) teve esta fraze:

— Esse sujeito pensa que isto aqui é a avenida! A praia é um lugar de respeito!

A ESMERALDA

Surprehendente e escolhido sortimento de joias finas e as ultimas novidades em artigos para presentes.

Trav. S. Francisco 8-10 — Rua 7 Setembro, 153

Teleph. Cent. 839 | Rio de Janeiro

Pede-se reparar que todas as nossas portas e vitrines têm o distico «A' ESMERALDA» para evitar confusões com a casa junto.

Quando o Menino Chora, Algo é que lhe Passa

O Xarope Calmante da Snra. Winslow foi introduzido em 1840 e desde então ficou o remedio normal para as crianças durante o periodo da dentição.

Reprimindo a colica flatulenta e remediando os desarranjos no estomago e no ventre, calma a criança inquieta e desvelada, e permitte um descanso á mãe affligida.

Não contem opio, morfina nem nenhum de seus derivados.

Não contem mesmo um atomo de narcotico.

Cada vidro vae acompanhado de instrucções completas para a sua administração. Não é genuino nenhum vidro que não leve o facsimile da firma de Curtis and Perkins, Nova York, no envolucro exterior assim:

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

REPRESENTANTES GERAES E DEPOSITARIOS PARA TODO O BRAZIL

Schoene & Schilling

RIO DE JANEIRO

É o melhor e não é o mais caro

Mediante um sello de 200 réis, mandaremos um catalogo illustrado, de Conselhos de Belleza.

Caixa grande 2$500 — Pelo correio 3$200

Deposito:

PERFUMARIA LOPES - URUGUAYANA, 44 - RIO

QUASE MIL CONTOS

EM

ROUPAS BRANCAS

VENDERÁ ATÉ 31 DE JANEIRO

A

A' GLORIA DO BRASIL

3, RUA DA CARIOCA, 3

A OCCASIÃO

Cada um de nós, si souber sondar a si proprio, verá que tem uua theoria da vida, theoria intelligente ou asnatica, conforme o cerebro que a fabrica, mas sempre uma theoria. A de Indalecio Pereira era a theoria da occasião.

Esse Indalecio era funccionario publico, quer dizer, entrava nas tres quartas partes da população brasileira que vive do orçamento. Ia fazendo uma carreira muito lenta, pois ao cabo de dezesete annos de serviço, sem licenças, sem faltas, sem gozar férias, mal conseguira chegar a terceiro, não sei si escripturario ou official.

Aliás era elle lento na carreira e em outras cousos, pois que, ainda não tinha filhos que pudessem gozar do montepio, caso o Indalecio, como se diz na roça, désse com o rabo na cerca.

— Indalecio, diziam-lhe os amigos e collegas não concurrentes, voce precisa deixar-se de escrupulos e tratar de cavar, meu velho; do contrario a promoção não vem. Essa historia de merecimento é conversa fiada.

— Eu sei, filhos, mas para mim tudo é questão de occasião. Ainda não chegou a minha.

— Lá vem você com a historia da occasião. Fie-se nisso e verá. Os incompetentes e os malandros hão de passar-lhe a perna.

— Qual ! E' questão de occasião.

E quando o queriam demover desse fatalismo, elle lançava argumentos.

— Vocês não viram o caso do Epitacio ? Quando elle partiu d'aqui pensou por acaso em voltar eleito presidente ? E porque foi elle eleito ? Porque chegou a occasião.

— Mas você, então, quando está doente, não chama medico, porque, si fôr occasião de esticar a canella, não adianta.

— Chamo, meu velho, chamo medico porque, emfim, é esse o costume; mas estou convencido de que, si tiver chegado a occasião...

O facto é que Indalecio perdia constantemente occasiões. Certa vez, numa agencia de loterias, um sujeito que entrou alguns momentos antes d'elle comprau o bilhete que estava mais em cima e tirou a sorte grande. Na repartição havia vagas e a occasião era de outros. O bond, isso o homenzinho perdia diariamente. Si se lembrava de ir a um leilão, chegava justamente na occasião em que era arrematado o lote por elle escolhido no Jornal do Commercio.

Um dia, por accumulo de serviço, Indalecio foi obrigado a permanecer na repartição depois de encerrado o expediente. Pois sabem o que aconteceu ? Um pedaço de estuque despregou-se do tecto e cahiu sobre a cabeça do pobre homem, abrindo-lhe uma respeitavel brecha. Telephone.... assistencia... ajuntamento... Até o ministro desceu do gabinete e veiu vêr de perto o desastre, interessando-se pela victima.

Indalecio esteve alguns dias em estado grave. Os companheiros faziam-lhe visitas frequentes. O ministro mandou um official de gabinete visital-o. Afinal o homem melhorou.

Durante a convalescença occorreu uma vaga e o ministro, que colhera informações sobre os merecimentos e as preterições do Indalecio, e por isso trazia o pedaço de estuque espetado na alma sob a forma de remorso, o ministro promoveu o homem.

Recostado na cadeira de balanço, ainda com a cabeça envolvida em ataduras, Indalecio recebia risonho os abraços e dizia triumphante aos companheiros:

— Então ? E' ou não é questão de occasião ? Si não fosse aquelle desabamento do estuque...

— Em todo o caso, ponderou um, você não deixou de perder a occasião.

— Não percebo.

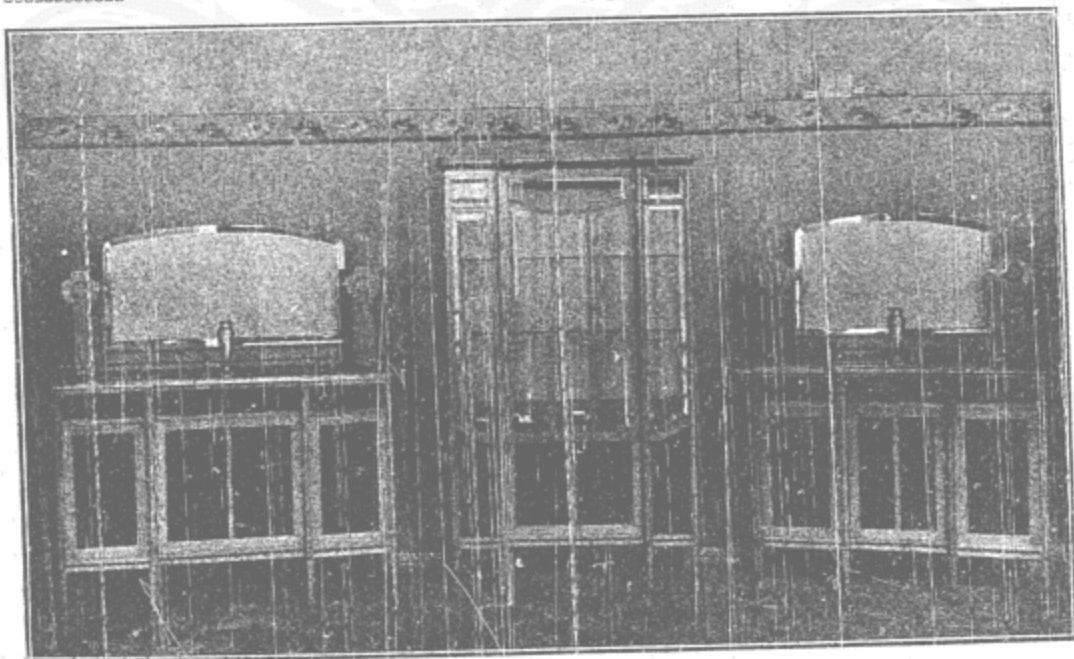
— Sim: a occasião de ir para o outro mundo.

J.

Riquissima sala de jantar "OLYMPIA", com 16 peças, confeccionada em "PAU-MARFIM" e "OLEO-VERMELHO" com finos trabalhos de *Maqueterie*, espelhos e vidros de cristal.

AO CONFORTAVEL

RUA SETE SETEMBRO, 32 - Canto do Carmo

End. Tel. MALHEIRO — Rio de Janeiro

REDACÇÃO E OFFICINAS: — Rua da Assembléa, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS

ANNO . . . . 20$000 | SEMESTRE . . . . . . 11$000

NUMERO AVULSO

CAPITAL . . . . . . 400 Rs. | ESTADOS . . . . . . 500 Rs

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE CENTRAL 5341

N. 602 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 3 JANEIRO — 1920 — ANNO XIII

Os leitores já conhecem toda a sorte de sacrificios soffridos pela imprensa diaria do paiz para a conservação do preço de venda avulsa durante a guerra, preços esses que as empresas jornalisticas se viram na contingencia de elevar.

«Careta», que desde a sua fundação manteve o preço de 300 reis, se vê forçada a igualar o seu preço ao das demais publicações congeneres.

Looping the Loop

O melhor creador de illusões

O Anno Novo é sempre o mesmo arauto anonymo do tempo que vem provar com a sua simples presença na memoria dos homens que a illusão ainda não foi batida pela realidade em nenhuma parte da terra.

No fim de tresentos e sessenta e seis dias e poucas horas portanto ha em cada periodo de mezes marcado pelo kalendario uma especie de renovação de sonhos e esperanças em toda a humanidade civilisada.

Diz-se então, mal o novo periodo é iniciado, repete-se a velha e sediça phrase já dicta ao inicio do periodo que acaba de findar, murmurada cem vezes de um seculo para cá: «O Anno Bom vai começar!»

E toda a gente enche-se de um enthusiasmo febril ao ouvir palpitar nos labios do semelhante aquella phrase promettedora com o mesmo ardor que nos seus labios vibra; cheia de fé caminha sob o sol ou sob a chuva e corre a rir pelos passeios, a cantar nos bars ou a fazer promessas de castellos e até encantados reinos á próle no aconchego honesto do lar, onde estuda a necessaria pôse para receber com o devido aprumo as luxuosas vestes de grãnsenhor que forçosamente o Anno Novo lhe ha de trazer...

Nesses momentos de intimo prazer, querendo que de sua satisfação a cidade inteira participe, vai mandando atravez de um sorriso amavel a todos os que encontra no caminho as «bôas festas,» perde-se no meio da multidão emfim, mas apenas divisa um rancho de conhecidos, abre-lhes os braços de longe, de longe já sauda gritando-lhes a phrase que levava embalsamada no seu sorriso amavel: «Bôas festas, muito bôas festas!»

O Anno Novo por isso é sempre esperado com amor pelos que trabalham, pelos que sonham e pelos que pensam, pois não ha ninguem no mundo que seria capaz de viver se adquirisse a inabalavel certeza de que apoz um anno de soffrimento o anno seguinte não lhe fosse ao menos de paz.

E'ra nova

Estamos pois em pleno começo de éra nova com a imperturbavel entrada do Anno Novo!

A energia que elle nos traz enche-nos de um infinito bem estar, porque faz renascer com o expontaneo viço da flôr silvestre um verdadeiro jardim de esperanças na alma.

A esperança é a sacerdotisa das illusões que vêm formar em nossa vida a ronda guardadora da felicidade.

Sem illusão no entanto ninguem vence, homem não ha que sem ella tivesse vencido, batalhador nenhum triumphará. Exemplos?... Para que, se a propria realidade na vida humana não passa de uma phantasia commum á maioria dos homens!

Mas essa phantasia não é incorruptivel e eterna, porque evolue com a humanidade, tem tambem a sua epocha, ao fim da qual, fechando-a, abre-se em seguida para uma épocha nova, impulsionando o preconceito ou adaptando melhor a sociedade ao rythmo da natureza, abre-se para um periodo fertil, a éra sempre bella das remodelações, o imprevisto emfim.

Ao entrarmos no Anno Novo como um bando de cegos atravez da noite num immenso casarão cujas luzes ainda estão apagadas, só a imaginação nos poderá dar estimulo e energia para proseguirmos. Sem ella, que com as illusões nos guia, que seria de nós! Vamos entrando numa cathedral?... Será num templo em ruina?... Que importa! Desde que as illusões nos guiem, a energia nunca nos ha de faltar.

Se fôr numa cathedral, tanto melhor; mas se fôr num templo em ruinas, reconstruil-o-hemos, porquanto a gloria, que é a maior aspiração humana, a propria gloria não passa da estatua de uma figura sobre a ruina de uma vida.

O sol de amanhã

Nenhum paiz ha no mundo que offereça maiores prespectivas de um futuro radiante do que o nosso.

Sendo assim, pois que apenas depende dos homens a nossa grandeza, um novo anno é sempre uma promessa feliz.

Se não foi no anno passado, neste talvez será que appareça o herói capaz de grandes realisações.

E tendo sempre em mente essa verdade infallivel, podemos entrar confiadamente no Anno Novo, esperar sem desfallecimentos inuteis que os dias passem, visto que a persistencia é o unico caminho que nos leva aos supremos triumphos.

Não é portanto por méra formula que levamos desta vez os nossos cumprimentos pela entrada do anno ao «amavel leitor», mas por sentirmos que as phantasias de nossa gente tendem a effectuar-se, porquanto, impossivel embora pareça, a civilisação, o progresso e a propria maravilha que é a Arte não passam de illusões que se realisam.

Nova Arte de Conquistar as Damas

Agora que o feminismo caminha a passos de gigante, a arte de conquistar as damas deve estar singularmente modificada, tão singularmente modificada que bem pode se chamar a «Sciencia de ser conquistado pelas damas».

Ainda não appareceu nas livrarias livro ou manual algum para instrucção dos aspirantes ao bacharelado ou praticantes do officio de que depende o futuro da nossa raça.

Pelo menos Mme. Chrysanthème ainda não preconizou, e preconizar é caso sério, qualquer publicação no genero, o que prova quanto somos atrazados. Para esclarecer o futuro autor da pequena encyclopedia da arte ou sciencia de conquistar as mulheres... dos outros, aqui damos algumas regras tiradas da observação directa da vida e do estudo perfunctorio dos typos e *virtuoses* que dão a nota na rua e nos salões.

Na opinião de Carlos Darwin, que tirou patente de invenção na antiga Inglaterra para o systema aperfeiçoado da origem das especies conhecida por «darwinismo» a mulher, como a maioria das representantes do outro sexo entre os mammiferos, aves, reptis, peixes e batrachios, tem os caractéres sexuaes divididos em tres grandes capitulos, a saber: caractéres primarios, caractéres secundarios e caractéres terciarios. Esta divisão não foi augmentada, si bem que o illustre transformista A. Austregésilo (da A. B.) tenha encontrado vestigios de caractéres sexuaes sexagenarios nas mulheres brasileiras.

Toda a grande sciencia ou arte de conquistar as damas se resume no estudo e no aproveitamento desses caractéres para fins juridicos, conforme sobre o assumpto já se pronunciaram o desembargados Athaulfo de Paiva e o ministro Viveiros de Castro. O fim juridico não cabe nos limites deste manual, mas o leitor curioso e erudito encontrará nas chronicas parisienses do delicioso (na opinião de alguns) João do Rio, detalhes elucidativos.

A arte de conquistar as damas consiste tanto nas pequeninas coisas como nas coisas grandes e póde ser dividida em quatro partes:

1ª Damas virtuosas que deixam fazer a conquista;

2ª Damas pótaveis que dão tudo para serem conquistadas;

3ª Damas decididas que querem sel-o;

4ª Damas perigosas e inflammaveis por combustão expontanea.

Quanto ao primeiro caso, são estas as regras praticas:

Dar tres provas de educação: de bôa educação comprimentando a dama mesmo sem conhecer e ainda quando acompanhada pelo pae ou pelo vigario da freguezia; de má educação, apontando-a com o dedo aos amigos ou conhecidos, e de pessima educação, ameaçando-a com um escandalo no ponto dos bondes, si ella duvidar do amor que lhe foi declarado por occasião de uma fita em séries.

Dadas essas provas, o candidato ou pretendente escolherá a que mais agradou a dama para proseguir na sua faina. E' quasi certo que as damas da primeira parte (não da fita, mas da arte) prefirirá que o cavalheiro continúe a dar provas de bôa educação. Neste caso, cumpre ao conquistador ser gentil e offerecer á victima um livro de versos de Carlos Magalhães, uma collecção do *De rerum Confessionarum* do abbade Silverio Pimenta e um retrato de 1$500 com dedicatoria em francez, como *A toi*, *Souvenir*, ou *M. moi 100cc* que produzem effeito unico.

Si a dama, que deixa, não estiver bastante resignada, pela circumstancia aborrecida de haver um pae, um marido, um irmão ou um socio da Liga Pela Moralidade dos Outros, o cavalheiro pode empregar meios mais energicos, como por exemplo: ir ao Centro Espirita Redemptor invocar Lovelace ou D. Juan Tenorio, e mesmo pagar um *chauffeur* para buzinar na porta da chacara e dest'arte provocar o Cabrion a um passeio que deixe o portão desempedido.

E' possivel que o inimigo mande prender o *chauffeur*, mas este irá instruido de modo a que faça rolo e leve o importuno comsigo á delegacia.

A's vezes acontece que a dama reconsidera o seu acto e torna atraz, mas isso não deve desanimar um conquistador digno da alta cavallaria em que se metteu.

Este deve esperar dous ou tres annos até que seja possivel falar com o objecto da sua adoração e prometter-lhe casamento.

Naturalmente isto é uma promessa que não se cumpre, mas o galan verdadeiro corre todas as *chance* de um noivado. Si a dama é casada, este caso não se verifica; então ou se espera dez ou quinze annos pela viúvez ou, conforme a dama resolva ou combine, ministra-se strychinina ao esposo pondo-a na escova de dentes.

Não ha caso em que a dama que deixa, recuse na viúvez o que se esperava em éras menos priscas. O conquistador tem ainda alguns processos que resultam da comparação da grandeza com a unidade, mas tem que medir a parallaxe do planeta Venus, o que é fatigante e assás antiquado. O melhor é ameaçar de suicidio, avisando previamente a Assistencia, a Policia e os Bombeiros.

Tambem póde-se deixar crescer as barbas e os cabellos, de modo a parecer propheta ou S. Jacob, e com as economias resultantes desse plano aos barbeiros, comprar um papagaio que repita de cinco em cinco minutos o nome da dama.

Em caso algum o conquistador deve faltar ás missas dos defuntos célebres para que seu nome figure nos jornaes. Igualmente deve frequentar os *matches* do campeonato para ter o seu retrato publicado nos periodicos entre gentis torcedoras. Isso causa ciúmes, e dá ideia de que é querido das meninas serias.

Si a dama facilitar, o conquistador fará constar que desmanchou tres casamentos ricos e ir incontinenti passar o verão ou o inverno em Petropolis, lugar onde a dama irá, si puder, aos domingos e onde dizem que as coisas são muito faceis.

Não está provado que os banhos de mar influam sobre o moral das damas conquistaveis.

Aquillo é só para provar que as *toilettes* da avenida mostram a verdade e são sérias nas suas provas dos nove fóra.

Em todo caso, o aspirante ao amor fará reclame da praia do Flamengo e se exibirá sem meias e sem alfinetes de gravata pela praia em cuja areia escreverá o nome della de detraz para adiante afim de não parecer romantico nem indiscreto. A dama acolhe sempre com emoção essa lembrança sentimental e póde ser que d'ahi seja marcado algum encontro sem testemunhas.

Outro preceito assás seguido consiste em escorar a dama quando ella sáe do cinema, porque vem com a vista escura e traz no joelho a marca de outro joelho. Ella sempre escuta o que lhe dizem e responde qualquer coisa que se deve tomar como uma promessa formal.

Vale apena que os amigos vejam esse encontro: quanto mais compromettida mais se compromette.

E' a regra.

Não convém dar beliscões nos braços nem pizar os pés da victima nessas occasiões; pode-se levar umas taponas, o que, aliás, não se apanha pela mão da pro-

pria e sim pela do vizinho que é sempre um bruto sanguinário.

As confidencias são ás vezes uteis, mas é preferivel serem das amigas mais bonitas, porque não ha o menor perigo em mudar o endereço das declarações. Como psychologia, a escolha de uma amiga para auxiliar da conquista, é quasi sempre feliz.

As mulheres se entendem mais entre si e nos entendem com mais clareza. Um amigo é inconveniente porque póde querer provar a dama o que nós sentimos mais pelos factos por conta propria do que pelos recados da nossa parte; muitos suicidios têm resultado dessa imprudencia.

Deve ser usado em circumstancias urgentes, como entrevistas no portão, o recurso do atracão. mas não se deve atirar a dama de encontro as grades do portão nem mesmo tentar amordaçal-a com o lenço.

Grande parte desses methodos praticos servem para conquistar as damas que estão catalogadas no 2º caso, isto é aquellas que dão tudo para serem conquistadas. Ha entretanto algumas variantes no tratar com estas, afim de chegar-se a resultados definitivos.

As damas, que dão, são em geral nervosas e caprichosas e assim o galan tem de proceder como si não tivesse nervos, procurando deslumbral-a pela serenidade das attitudes. Por exemplo, si ella dá para chorar, o conquistador deve levar um flautim no bolso e tocar durante meia hora a valsa *Sobre as Ondas*, ou então, si tiver um cão na visinhança atirar-lhe pedras para que elle se ponha a latir com furor.

E' conveniente fardar-se de guarda nacional e fazer-se seguir á distancia pelo cabo clarim do regimento; isso dá uma alta ideia da força e do prestigio de que não se gósa. Um bom meio de conquistar é escrever sonetos e pensamentos no *Joral das Moças* ou nos apedidos da Gazeta; passa-se por litterato e a dama sente-se prestigiada pelo amante de talento. Entretanto não se deve dizer nos sonetos a rua e o numero da casa della, para que a visinhança não intervenha no amor.

Si a dama é pobre não é de bôa educação dar-lhe meias de presente nem peças de morins para roupas de interior, mas póde-se prometter fazer contas na costureira. E si é uma senhora de bens de fortuna, o plano mais seguido é o de pedir dinheiro emprestado. A dama que dá dinheiro está a dois passos da capitulação. Cumpre não offerecer juros do emprestimo, mas com o dinheiro tiram-se as joias do prego e faz-se presente dellas á propria dama que ficará encantada com a gentileza. — D. R.

ESCOLA DEODORO

—

FIM DE ANNO

Grupos de alumnas preparando-se para o gozo bem merecido das Férias.

Paginas da Cidade

Por este indecifravel principio de anno, se nas horas de silencio o meu espirito já bosqueja as creações phantasistas que o farão viver fóra do cyclo commum em que o resto dos homens vive, entra-me no entanto cada madrugada pelo quarto a dentro o mesmo raio de luz que me visitou hontem, que me visitará amanhã e parece dizer, mal se installa nas vidraças da janella, como um écho mais alto da natureza vibrando ao rythmo systematico da vida:

— Levanta-te e escreve... escreve...

Quando me approximo de um poeta e vejo-o em extase ante um nascer de sol, sinto uma piedade profunda pelo infeliz, mas se lhe ouço o timbre da voz tremer na cadencia da rima, vibrar em lôas de saudade ou gemer em canções sentimentaes, tenho impetos de espancal-o, gritando-lhe apoz, num desabafo de consciencia, solemne e desdenhoso:

— Cala-te! Deves repudiar o sol, porque elle é o Mestre impeccavel da Monotonia.

Por isso, se a madrugada me apanha em plena rua ao lado de um poeta ou de qualquer alma bôa dada a essas deprimentes emoções, fujo daquelle incontinente, abandono a ésta no primeiro momento azado, porque todo o meu ser se revoltaria contra tão amaveis creaturas, rugiria como um animal selvagem, visto que não quero, não admitto que nenhuma pessôa que eu admire se humilhe pela inconsciencia do extase em face desse poder supremo e cruel que fazendo as manhãs bellas tambem fez tanto o homem superior como o simples ser humano o mesmo titere do destino que todos somos.

Certa figura gentil que me surprehendeu a vida com um modelo de perfeição, partindo um dia para sempre, voltou-se ainda á despedida e disse sem revolta, um sorriso de bondade nos labios tremulos:

— Os teus proprios gestos parecem andar sempre em conflicto com a tua alma.

Ao recordar-lhe a phrase sinto a profunda verdade que ella encerra, mas se não explico o motivo secreto do contraste que ha no meu ser, comprehendo comtudo que um tal contraste representa apenas o movimento de uma sombra que se desloca e quer libertar-se do corpo que tem de acompanhar durante uma existencia inteira.

Os dias no entanto vão passando e com elles a vida com o mesmo sol cada manhã, a mesma lua nas noites de seu reinado, a mesma ancia de um sexo pelo outro para a reproducção da especie sob essa mascara ridicula que chamam amor. Porque a lua e o sol não trocam os respectivos papeis ao menos uma vez ao anno? Que magnifica sensação não experimentaria a humanidade ao vêr o sol á noite fingindo de lua, e a lua representando em pleno dia com auctoridade de sol!

Na madrugada desse original dia então, quando o habitual raio de luz que me visita todas as manhãs fosse bater nas vidraças do meu quarto, eu abriria os olhos aborrecido, bocejaria mesmo com escandalo fingindo não entendel-o. Que diz elle, esse estupido raio de luz?... E elle, como sempre:

— Levanta-te e escreve... escreve...

Saltaria do leito com a mesma idolencia das demais manhãs, mas ao descobrir que em vez do sol era a lua que estava presidindo o dia, correria á minha mesa de trabalho e affirmo com inabalavel convicção que havia de produzir uma obra prima...

Certo cavalheiro de bom senso no entanto, depois de ouvir com fleugma essa minha confissão, sorriu serenamente e ponderou:

— Mas essa obra-prima seria de tudo o que você tem escripto a unica pagina que ninguem havia de ler.

— Porque?

Elle fitou-me um instante, concluindo apoz com a mesma fleugma soberana:

— Na mesma manhã do dia em que a lua apparecesse no ceu desempenhando as funcções do sol a humanidade inteira enlouqueceria de susto julgando ter chegado a hora do Juizo Final.

GARCIA MARGIOCCO

Vultos que passam.

(O BAILE DOS ARTISTAS)

Numa noite de sexta-feira da semana passada, depois de um chopp no bar do Cafe Central, um bando de pintores ergueu-se da meza que occupava ao pé do estrado da orchestra e desfilou com ar triumphal aos sons de um fandango em vóga que as musicistas atacavam com furor.

E os bons rapazes, com o sorriso nos labios e a energia no porte, marcharam todos em demanda de um bonde, rumo á casa de um sonhador, de outro artista como elles, do refugio do Kalisto.

E' que haviam combinado um encontro sob o tecto do artista machiavelico do lapis, onde um grave problema lhes impunha uma reunião com todos os requisitos exigidos pelas cousas serias, pois de facto iam discutir o programma de um acontecimento sensacional na vida artistica do Rio, o baile dos artistas.

Tres annos faz, numa terça-feira de Carnaval, um grupo bohemio de irreverentes amantes do bello idealisou e levou com heroismo a effeito o primeiro baile.

No anno seguinte a festa se repetiu adquirindo então um cunho mais galante, mas obdecendo sempre, como obra de amantes do bello que éra, a linha impeccavel da arte.

Reunindo-se agora o mesmo grupo na casa do Kalisto para tratar do terceiro baile, que se realisará no proximo Carnaval, cada um dos que compareceram ao encontro, comprehendendo emfim o direito que assiste ao artista brazileiro de tambem rir uma vez ao anno do resto da humanidade por traz de uma mascara, prepara-se com denodo para o gentil torneio, que será futuramente uma tradição na vida artistica do Rio.

E todos, companheiros no ideal e na lucta, saberão compôr com sabio engenho e gosto apurado os postiços da respectiva careta com que cada qual se apresentará na hora solemne do «chôro» para a grande apotheose de Momo nas azas subtis do Riso, atravez das settas perfumadas da Ironia e da Graça.

Um sorriso para todas...

Na manhã illuminada, com as arvores douradas de sol, é Mlle. a primeira figurita que surge, na levêsa do seu traje de banhista.

Vimol-a com surpreza.

Pois não fugiu ao brazeiro, que vae sendo o Rio, para a frescura de uma cidade serrana?

Não. O Flamengo é ainda melhor do que Petropolis. E melhor porque tem aquelle pedaço de praia e aquelle mar idyllico para o seu deslumbramento.

Mlle., por isso que possue um lindo espirito, abomina as convenções. Convencionou-se que o alto da serra, Friburgo, Mendes e Theresopolis são os refugios da temperatura agradavel, quando, no Rio, a canicula derrete as creaturas. Dahi o seu gesto elegante.

Ficou.

Ultima silhueta encantadôra do Flamengo, ficou para demonstrar que tudo o que se procura em Petropolis, o mar, a dois passos, póde dar, esplendidamente. Assim é que Mlle., pela manhã e á tarde, corre para a doce caricia das ondas que já a conhecem e que a affagam com um carinho quasi humano.

E' de vêl-a, na sua alvura de magnolia, a sahir da agua, jovialmente, dizendo os versos de Ronald:

Terra cheia de luz, para o teu esplendor
Ergo as mãos num tremôr de desejo e de [gloria!
E na paz de um jardim mysterioso e pagão,
Onde passeia o sol como um velho pintor,
Numa ingenua canção dou-te a minha [memoria
E num beijo aromal, dou-te o meu coração.

Pela sua clara intelligencia, como Mlle. é differente das *melindrosas* que, nesta hora, quebram o silencio de Petropolis e recitam os symbolistas francezes, pelo nariz!

Mlle. S. S. é uma revolucionariasinha no seu amavel ambiente. Fala com autoridade, sendo, embora, a mais moça do circulo.

Ainda uma tarde destas, na Atlantico, Mlle. Sylvia (perdôe a indiscreção) criticava pittorescamente o termo «melindrosa» dado ás jovens elegantes do Rio.

— Melindrosas porque? — perguntava Mlle., com enthusiasmo folgazão. — Não conheço maior incoherencia, absurdo maior.

— Mas...

— O contrario é que devia ser... Mlle. S. S. sorriu maliciosamente — Melindrosa seria a que tivesse melindres em exaggero, que se não deixasse apertar demasiado nos salões, que conversasse futilidades innocentes e occultasse melhor as formas. Ora, sejamos francas, não é isso que vemos nos Diarios e nos *trottoirs*, nos bailes das legações estrangeiras e da nossa aristocracia...

A's ultimas palavras de Mlle. S. S. não havia mais nenhuma das suas amiguinhas, que, por signal, eram esplendidas e... transparentes.

Love is too young to know what conscience is...

Mlle. que lê Shakespeare com o carinho que lhe merecem os poucos grandes poetas do Brazil ficou a pensar na profunda verdade desse verso de um dos sonêtos do immenso creador de *Hamlet*.

Realmente: «o amôr é muito joven para saber o que é consciencia».

No commentario vivo, com aquella intelligencia luminosa das mulheres emancipadas espiritualmente, pelo contacto dos bons livros, conseguiu uma desculpa para cada «caso» do seu conhecimento. A inexperiencia do archeirosinho divino toda, absolutamente toda a culpa.

E concluiu, depois, sorrindo:

— Esse pequeno admiravel, que ignora a «consciencia», só me lembra uma pessôa sympathica: o Gottuzo.

— E' precisamente o *gentleman* que não o conhece nem de vista...

— Falo pela sua mocidade, que augmenta á medida que os annos passam. O filho de Venus, como o illustre psychiatra, é cada vez mais *young*...

E Mlle. ainda avançou, esquivando-se a um novo commentario:

Yet who knows not conscience is born of love?

MLLE. R. C.

Leve, esgalga, espiritual. E' um modelo de Tanagra. Não escreve bem portuguez, mas fala francez maravilhosamente. Conhece, *par cœur*, os preciosos da poesia de Pariz. Para essa creaturinha feita de espuma só é bello o Outomno com as arvores, á feição das *melindrosas*, elegantemente despidas. Pensa em francez e no seu olhar tranquillo avulta o *Bois* que guarda toda a sua lembrança e toda a sua saudade.

Mlle. R. C. sonha um principe encantado para desposal-a.

Faz bem.

João da Cidade

Vencedor Fluminense 4 x 1

A CONTINENCIA

O Julião, patriota e conscripto, passou seis mezes no regimento a receber a formidavel instrucção com que, antes de anniquilar os inimigos da patria, vai destruindo os máos fermentos de seu ideal de adolescente e de cavalheiro.

Elle sabe fazer maravilhosamente as continencias da tabella e é até notado pelo brilho e presteza com que dá as mariolas do calcanhar em face de qualquer superior.

E um superior, mestre em materia de disciplina, mandou-o um dia destes segurar o cavallo em que garbosamente deslumbrou as damas do bairro e esmagou os invejosos.

Estava o Julião a estaquear a besta, quando o mesmo superior surgiu de subito.

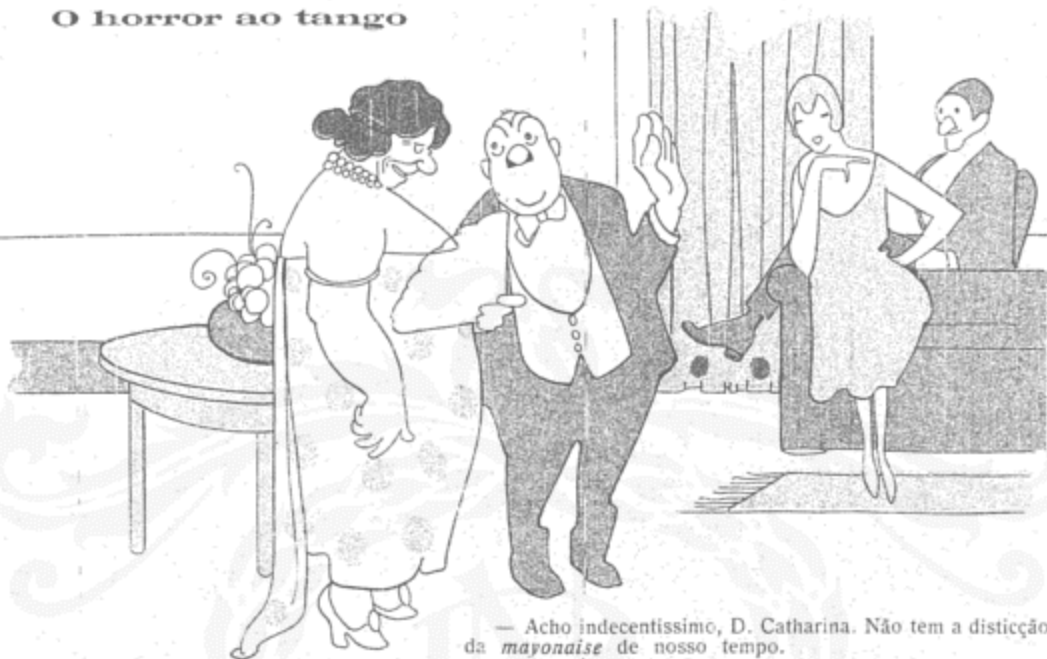
O Julião, no atropello desse instante solemne de alto dever civico, bateu a continencia com a mão esquerda.

O austero e impeccavel superior arrepellou-se:

— Indisciplinado!
— Meu capitão!...
— Preso por 15 dias!
— Dá licença?
— Preso por 20 dias!
— Dá licença?
— Insubordinado!
— Vossa Senhoria da licença?
— Diga!
— Eu estou com a mão direita occupada, como vê.
— Não conhece a instrucção?
— Saiba V. S.ª que sou praça a um anno e meio.
— Peior ainda!
— Mas V. S.ª leve em consideração que eu sou canhoto de nascença.
— Não teve mãe que lhe corrigisse esse infame defeito?
— Tive, sim, sr. Mas V. S.ª me prende porque eu sei fazer a continencia com as duas mãos quando os outros só sabem com uma?

Eu dou mais do que pede a instrucção.

D.

O horror ao tango

— Acho indecentissimo, D. Catharina. Não tem a disticção da *mayonaise* de nosso tempo.

— *Polonaise*, seu Pancracio, *polonaise*.

Homenagem á memoria do Principe dos Poetas Brasileiros

A inauguração do mausoléo erguido no Cemiterio S. João Baptista no 1.º anniversario da morte de Olavo Bilac.

Pela Bellesa que me fez pagão

Para alumbrar meu mundo, meu portento
e conquistar o irrevelado Ideal
basta-me a luz que vem deste momento,
momento de alvorada espiritual!
A alma tranquilla agora se ergue inquieta
e inquieto se ergue o calmo coração
pelo Semblante que me fez poeta,
pela Belleza que me fez pagão!

Bendito seja todo soffrimento,
seja bendito todo humano mal
se ao fim de tudo houver deslumbramento,
deslumbramento sobrenatural!
Porque a ventura de um mortal, completa,
vem simplesmente da contemplação
desse Semblante que me fez poeta,
dessa Belleza que me fez pagão!

Outrora eu fiz sagrado juramento
perante a Virgem, sobre o seu missal:
que ella teria o meu final alento
Na defeza da sua Cathedral!
Mas sem motivo para ser asceta
eu transferi meu culto de christão
para o Semblante que me fez poeta,
para a Belleza que me fez pagão!

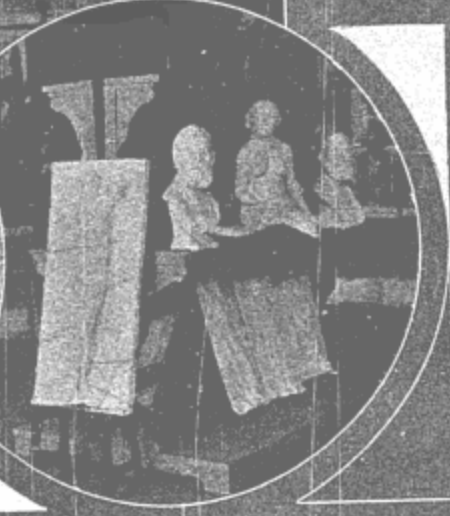
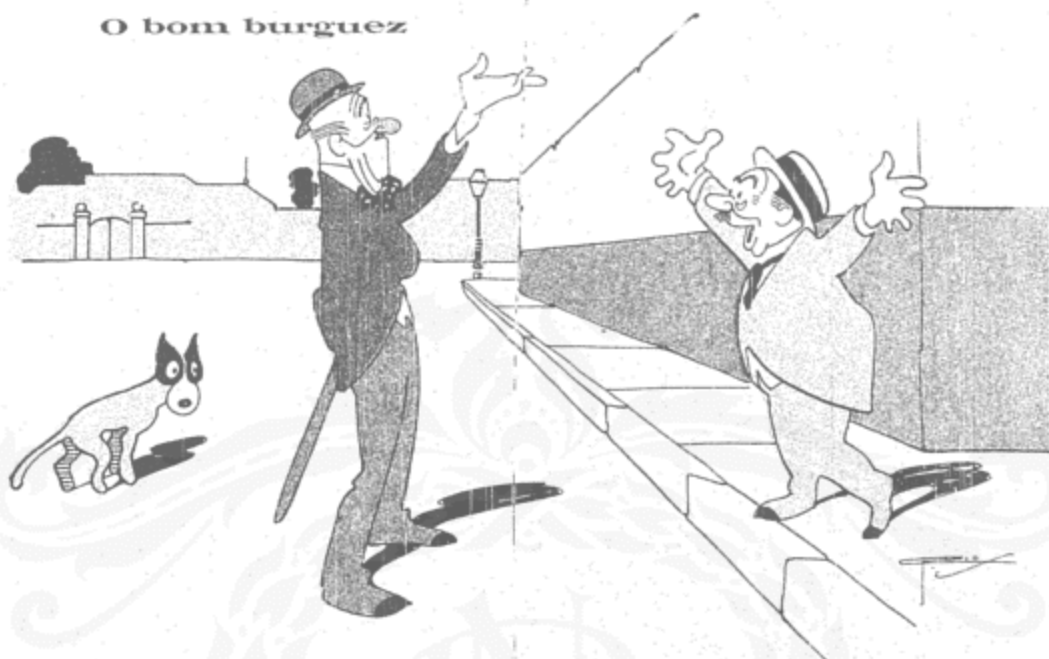
RASÕES DA APOSTASIA:

Semeadôra de Aurora Espiritual!
Tens meu delubro! minha Vida inquieta!
Por ti renego a minha Religião!
porque és Divina e me appareces real
nesse Semblante que me fez poeta!
nessa Belleza que me fez pagão!

Dez.º 1919

FRANCISCO RICARDO

ESCOLA DE BELLAS ARTES

A inauguração dos trabalhos executados pelos alumnos durante o anno lectivo.

O bom burguez

— Olá, Jagodes! Boas Festas! Como passaste o dia de anno novo?
— Ao lado da Anna velha.

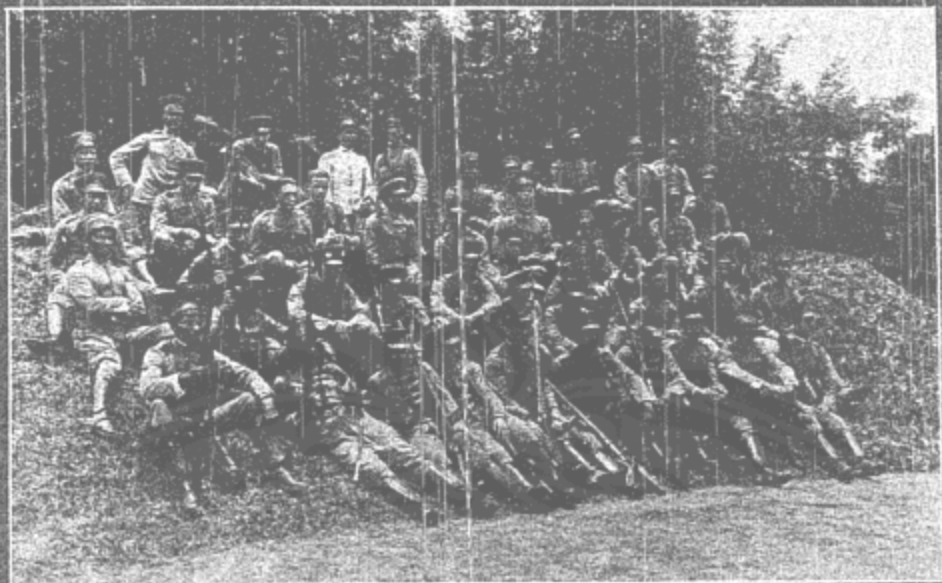
Club de Regata Flamengo. — Festa de Natal aos filhos dos socios

NATAL DO TIRO

Em posição

O Alvo

Disparando a arma

Senhoras e senhoritas que tomaram parte no concurso

Na Villa Militar. — O Natal dos Tiros. Os concurrentes

Triste verdade

— Anno Novo! Vida nova!... e botinas rotas.

No Palacio do Cattete

ARVORE DO NATAL OFFERECIDA PELAS SENHORINHAS LAURITA, HELENA E ANGELINA, FILHAS DE S. EXC. O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA, ÁS CREANÇAS POBRES DA CIDADE.

Porque Thomé desistiu

Um jornal catholico anda a queixar-se de que as confrarias e irmandades do Rio estão em poder de maçons.

Isto não é particularidade do Rio. Em toda parte as irmandades dão motivo de queixa.

Veja-se o que succedeu recentemente na cidade de Cachoeira, na Bahia.

Os pretos locaes, em represalia a uma irmandade que exije pelo menos um quarto de sangue branco no candidato á admissão, organisaram a confraria de S. Benedicto, privativa da classe.

Mas mesmo entre elles começaram a fazer selecção.

Um preto velho e sem recursos apresentou-se pedindo inscripção. A mesa examinou o pedido e deu uma desculpa dilatoria ao pretendente.

O negro, muito religioso a seu modo, resou a S. Benedicto e este o animou a insistir.

No fim da semana voltou a pedir entrada, allegando que S. Benedicto o havia aconselhado a insistir.

A mesa, e especialmente o provedor, um escuro chamado major João Pedro, deram-lhe nova desculpa e o despediram.

Depois de mais duas ou tres tentativas o negro desanimou, e um dia em que a mesa estava reunida, voltou e disse-lhe:

— Vim buscá meu recrimento. Não quero mais entrá nesta irmandade.

— Porque, pai Thomé? perguntou o provedor.

— Eu tava pegando com São Benedicto pra me fazê entrá na irmandade. Honte entonce elle me disse: Thomé, não pensa mais nisso. Eu mesmo tou querêno entrá nella indêsde o principio, e ainda não consegui...

X.

TROVAS

Parabens, povo carioca,
Que és de facto um felizardo:
Já vais do centro á Gambôa
Pelo tunnel João Ricardo!

NO ABYSMO DO ESQUECIMENTO

Os ultimos minutos de um anno velho.

Cartas de Mme. de Lery

Acontece muitas vezes que se tem uma emoção, uma seria contrariedade, uma fadiga, na vespera de uma ceri-monia, de um jantar, de uma recepção. A tez perde a frescura, os olhos se encarquilham, os labios se amarrotam, a boca fica seca e febril. Ha muitos artificios que procuram corrigir esses defeitos: o carmim, os crêmes, os negros: mas nenhum delles dá á face o tom juvenil, nem á boca a frescura de fructo maduro, nem ao olhar a limpidez de agua corrente. Apezar de todos os esforços e de toda a arte empregada, o rosto ficará velado por uma lassitude indefinida.

Ha meio de recuperar rapidamente a belleza e a frescura, apesar das maiores fadigas?

Ha. Escutem-me.

Faça-se ferver agua e ponha-se em um jarro, onde ella se conservará quente durante longo tempo. Mergu-lhe-se nessa agua uma toalha ou guardanapo de linho, que é mais hidrofilo e conserva mais tempo o calor. Torça-se, tendo o cuidado de que se conserve humido e muito quente.

Estão promptos os preparativos...

Estenda-se a paciente em um leito ou divan, com a cabeça mais baixa que o corpo. Tire o collete e tudo que impeça a circulação. Colloque debaixo da nuca a toalha humida e bem quente, e faça obscuridade no aposento. Fique assim de meia hora a tres quartos de hora, renovando o calor da toalha frequentemente.

Os resultados obtidos são surprehendentes.

Proceda em seguida a uma toilette cuidadosa, passando nas palpebras agua quente e fria successivamente.

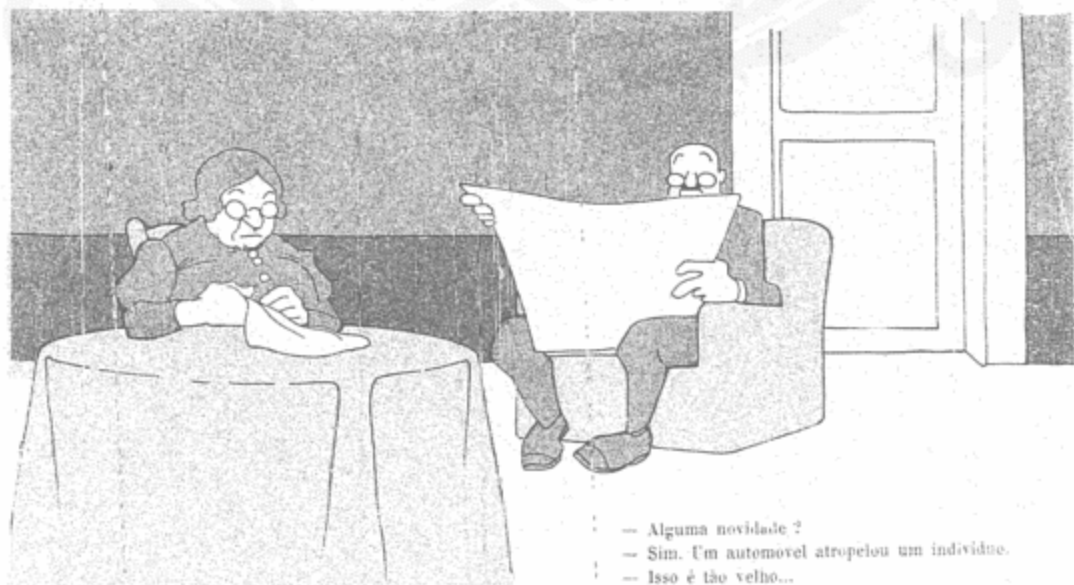
Depois desses preparativos não ha mais motivo para preoccupação. Experimente a minha leitora e verá que pode ir á recepção, ao jantar, ao baile, ao theatro e ficará admirada da sua deliciosa frescura: olhar claro, sorriso elastico, carnes firmes.

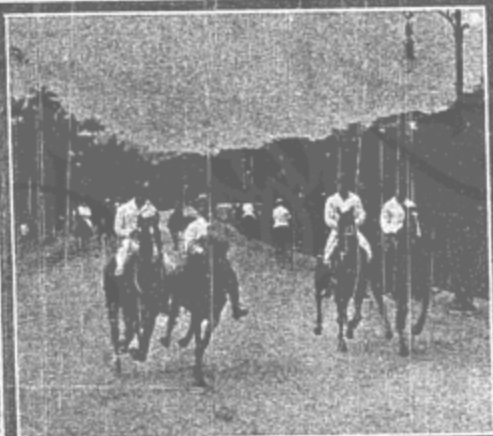
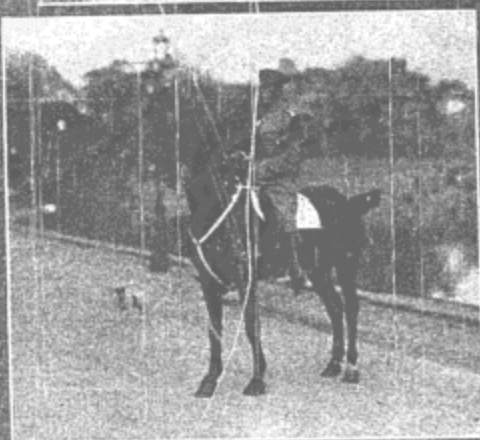
Mme. de Lery

INSTANTANEOS

O Natal do Nordeste

S. Ex. o sr. Presidente da Republica assignando o projecto que sancciona as obras contra as seccas.

Sensacional !

— Alguma novidade ?
— Sim. Um automovel atropelou um individuo.
— Isso é tão velho...
— Mas prenderam o chauffeur.

Club Hippico

A caça á rapoza e o churrasco na Quinta da Bôa Vista

RICAS FESTAS

ELLA — Não possso me queixar. Arranjei um velho centenario que poz a sua fortuna ás minhas ordens.
ELLE — Parabens. Foi a mudança do capital durante as festas do centenario.

A indignação do cadaver

O direito de patear é um direito que o espectador compra ao entrar no theatro — disse Boileau.

Esta doutrina é geralmente aceita, menos pelos actores. Por que motivo não sei nem procuro saber.

Os frequentadores de theatro das capitaes vão renunciando tacitamente esse direito, que em algumas platéas já cahiu em inteiro desuso.

Em compensação, no interior o direito de vaiar está em pleno vigor, até contra os cinemas.

Ha dias Mutt e Jeff procederam de modo a desagradar a platéa de um cinema de Sabará, e foram violentamente vaiados, sendo necessario accender a luz para evitar a projecção de artigos contundentes na tela.

Nos theatros provincianos a manifestação do espectador não é tolhida por nenhuma consideração, quando elle se julga logrado, o que acontece frequentemente.

Ha companhias com elencos inverosimeis, que se julgam com direito de representar para auditorios do interior.

Era dessa classe a companhia que ultimamente funccionou em Cataguazes. Era um dramalhão em que o marido ultrajado morria no quinto acto, depois de ter sido um grande palerma nos quatro actos anteriores.

O actor que representava o papel de marido era gordo, pesado, desajeitado.

Tão desengonçado foi elle na scena final e trajica do duello, que provocou riso dos espectadores.

O riso continuou intenso depois que elle cahiu morto, continuando a fungar alto.

Da platéa um espectador gritou:

— Olha o fole!

O cadaver sentou-se no assoalho, e bradou com indignação para a assistencia:

— Respeitem ao menos os mortos!

X.

Musica nova

Recebemos do conhecido compositor musical Antero A. de Campos um magnifico trabalho, o «fox trot» WE SHALL BE HAPPY.

Eximio musicista de salão, esta sua composição em breve figurará como uma das musicas indispensaveis nos programmas dos bailes e chá-dançantes da nossa élite.

O supplicio da sêde

O Departamento da Navegação dos Estados Unidos annunciou a prohibição da venda de bebidas alcoolicas aos passageiros dos seus navios que fazem a viagem entre New-York e a America do Sul.

(Telegramma de Washington)

Anda mesmo de azar ultimamente
A pobre pinga, a saborosa pinga;
Parece até que alguem lhe poz mandinga,
Para ser tão odiada de repente.

Si tal campanha, por desgraça, vinga,
Vae-se a alegria que consola a gente,
Pois em banquete, assim, futuramente
Beberemos champagne de moringa.

Agora se acha até que em pleno oceano,
Quando ao bom ar o sangue se renova,
Póde a pinga causar-nos grande damno.

Mas, francamente, achaes cousa possivel
(A propria marcha do navio o prova)
A gente navegar sem combustivel?

João Rialto

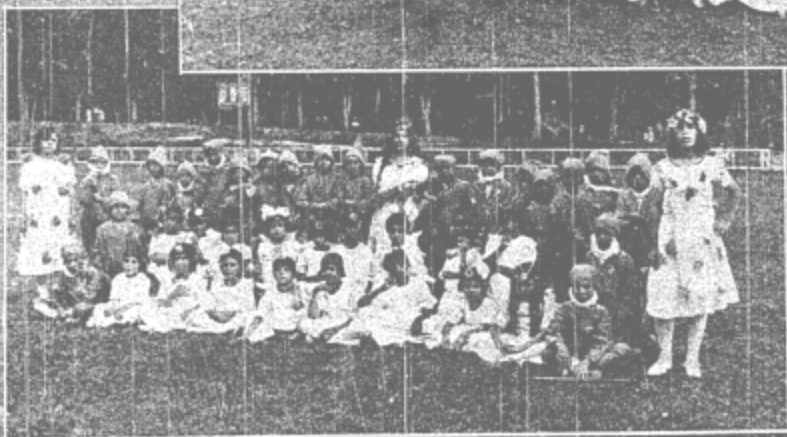
CONVERSAS DE ESQUINA

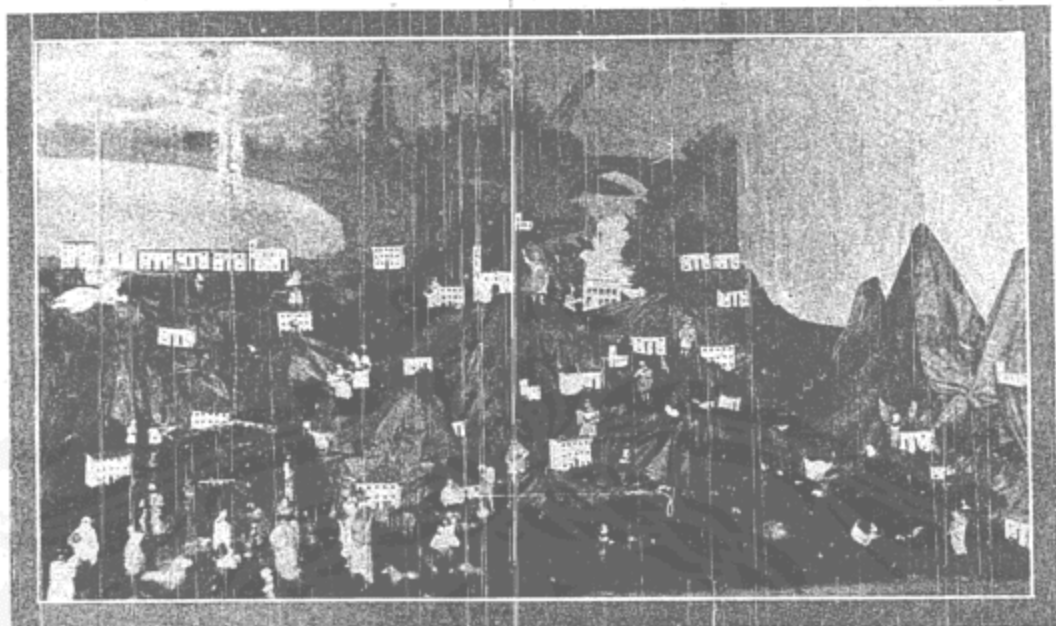
— Foste a inauguração do tunnel?
— Não.
— Pois esteve bôa. O presidente fez estourar o septo que separava as duas galerias.
— E o Frontin deve estar satisfeito.
— Sem duvida. Foi elle quem iniciou o trabalho.
— Não é só por isso. E' que elle ás vezes gosta de deixar a cousa estourar nas mãos dos outros.

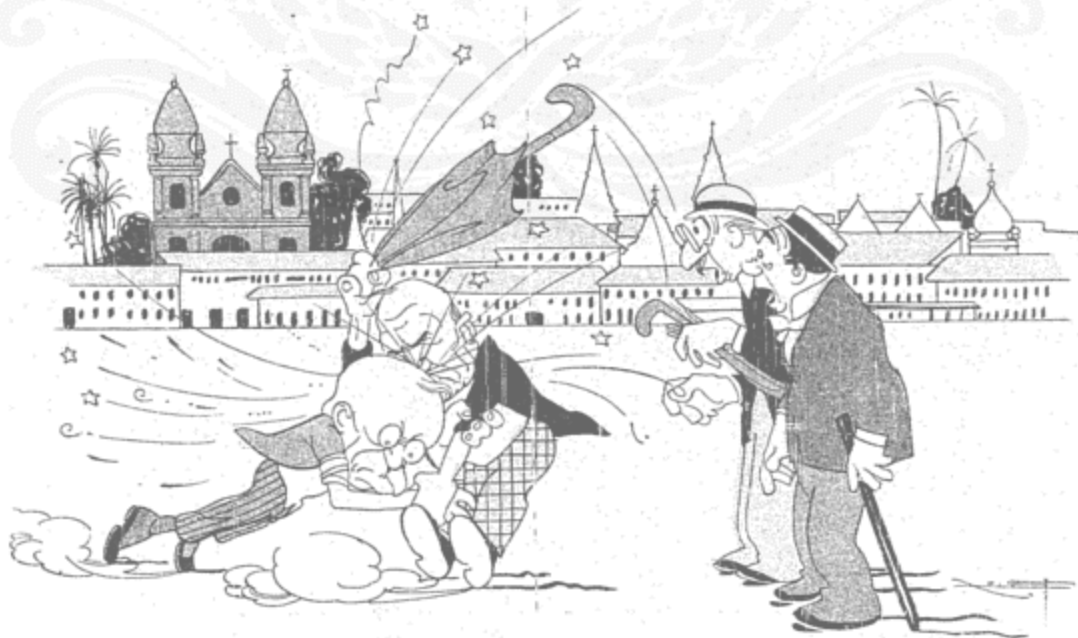
* * *

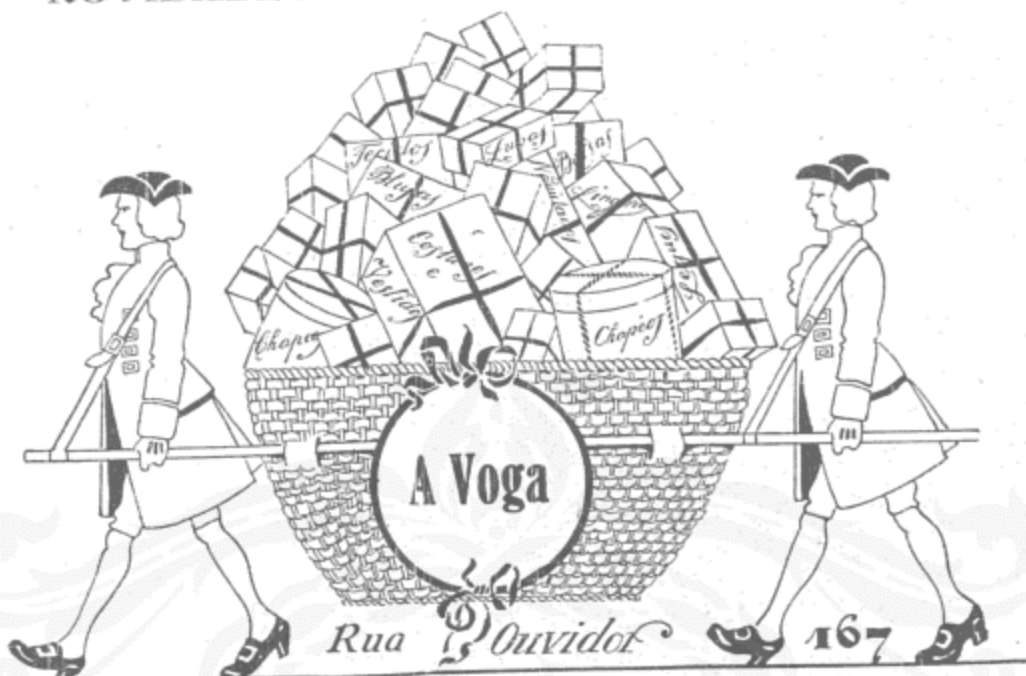
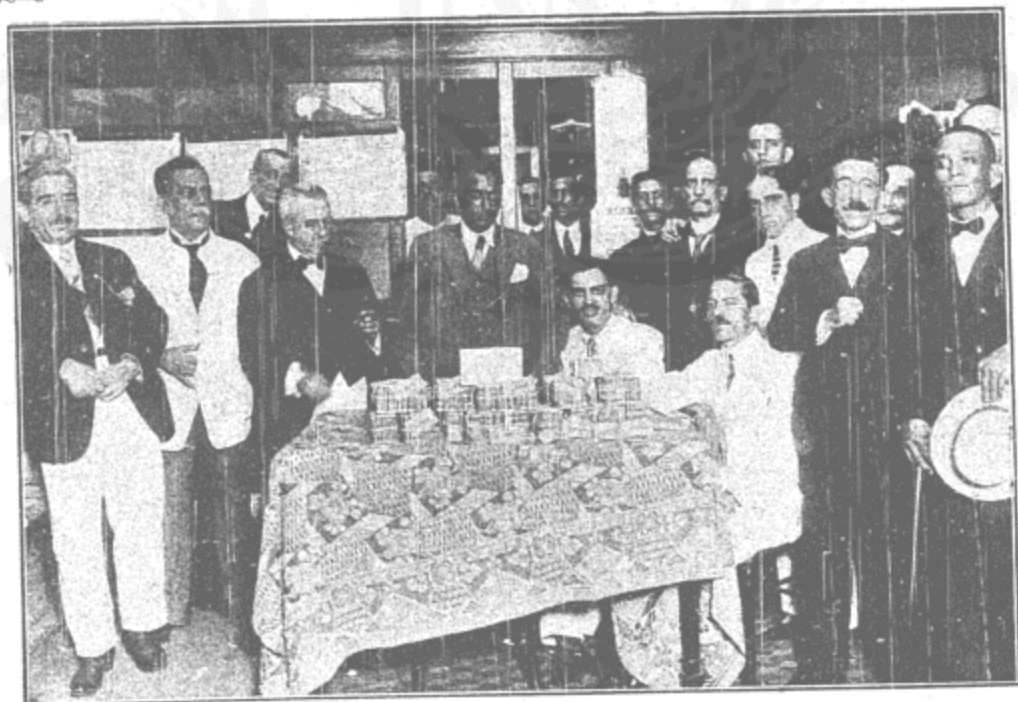
— D'esta vez o Irineu conquistou o funccionalismo.
— E' verdade; mas foi mesmo um denodado.
— São capazes de erigir-lhe uma estatua em tamanho natural.
— Upa! Tamanho natural com uns tanto por cento.

Não se conta um só ocioso entre os nonagenarios. — *Maquet.*

Jardim Zoologico

Festa em beneficio da Matriz da Luz

Presepe da Casa do Bom Soccorro

O presepe sempre foi, nos bons tempos, uma das mais poeticas e tocantes evocações da lenda do Natal. Nos bons tempos, diziamos. E é verdade!... Mas tudo passa!... Hoje, nessa noite, tão poucos elles são, que até parecem nunca ter passado de phantasias dos nossos avós essas minusculas creações de arte.

Sururú bahiano

— Que é isso?
— Caim e Abel que brigam.

— Qual delles é Caim?
— E' aquelle que vencer.

Bilhete inteiro N. 23.711 premiado com 501 : 280$000 na loteria do Natal, extrahida a 20 de dezembro. Inteiro pertencente ao Sr. Manoel Bernardino, ex-funccionario da E. A. Artifices de Campos, pago ao Banco Ultramarino, com assistencia do possuidor do bilhete. Bilhete N. 11.681 premiado com 50:000$ na extracção de 27 do corrente. 1/5 a Adriano de Almeida, Rua Maia Lacerda, 115. 2/5 a Simão Augusto de Carvalho, Rua Senador Euzebio, 544, casa 1.

O alvorecer nas praias

Por essas praias além da Guanabara, apenas a madrugada vem espreguiçar-se sobre as aguas, as ondas parece que se acalmam, escondem os seus rancores e approximam-se mansamente da areia, onde se deitam a espera de alguem que ellas sem duvida já estimam.

E, de facto, as ondas vão reclinar-se na areia para receber nos braços as suas companheiras matinaes de brincos á flôr das aguas, ellas vão em verdade buscar alguem, gentis figurinhas e corpinhos encantadores, as banhistas emfim, as lindas banhistas cariocas.

Quando a manhã, depois de mandar a madrugada sondar as praias diz ao sol que já póde vir espial-as, o proprio sol pára estupefacto nas alturas em face do estupendo e suggestivo quadro de belleza e graça que se apresenta aos beijos mornos de seus primeiros raios.

E' que nessa hora, em pleno alvorecer de um dia, tendo as ondas recebido as banhistas em plena areia, arrastam-n'as para o meio das outras ondas, brincam com ellas cheias de lonquacidade infantil, parecendo de quando em vez prevenir o mar com carinhoso enlevo: «Cuidado, velho rabugento, não faças mal ás nossas amiguinhas!»

As banhistas comprehendem perfeitamente a lingugem musical das ondas calmas, por isso, ouvindo-lhes a prevenção ao mar, entregam confiadamente a maravilha esculptural das formas ás suas caricias salutares, fingindo ás vezes medo de uma vaga mais alta, soltando gritinhos sonóros noutro momento como protesto a uma caricia nada amavel de um flocco de espuma.

E' tambem atravez de nossas praias, no banho, que a bella carioquinha se mostra tal qual exigiria della o artista para celebral-a sem defeito, real portanto, sem a mascara postiça da moda. Nada de *rouge*, nada de pó de arroz, nada de *maquillage!* E se ella soubesse quanto é mais linda assim!

Corremos uma manhã destas diversas de nossas praias, as mais prequentadas ao menos, e ao findarmos a excursão, deixando o mar, traziamos na memoria um vultinho esbelto de mulher, todo graça, todo frescura, todo seducção.

Pela tarde fomos ao chá nas confeitarias da moda, vimol-as lá, encontramol-as a todas. Mal as reconhecemos. E que decepção!... que differença, santo Deus! De manhã, no banho, impressionavam pela graça, pela belleza, pela frescura natural da pelle. E agora, nessa mesinha de um centro mundano?

Tendo recuperado a mascara da moda, reassumiam a pôse authomatica de bonecas, pareciam figurinhas desbotadas, allegorias carnavalescas de pessimos pintores.

Devemos pois concordar que no Rio de Janeiro a mulher, que é realmente bella, só ao pé do mar, no banho, ao alvorecer, mostra-se tal qual é, demonstra aos olhos de quem quizer vêr a modelar irradiação da forma perfeita.

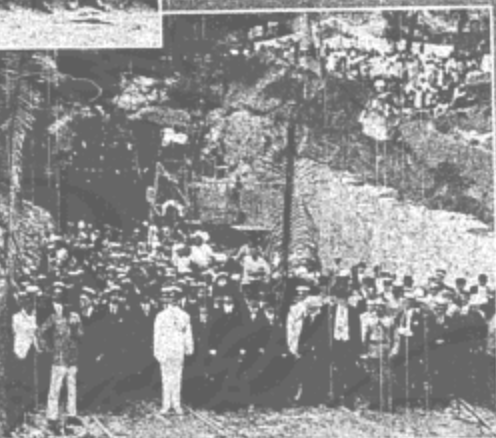
Sendo assim, cada manhã, á beira mar, o Rio galante apresenta-se verdadeiramente tentador e digno de ser apreciado por todo aquelle que se habituára a vel-o atravez do salão, nas frisas do Municipal ou num cantinho perfumado da Alvear. Terá então, num deslumbramento, a exata comprehensão da belleza da mulher carióca.

Na europa, pelas mais afamadas estações balnearias, aggita-se cada anno uma multidão exotica, composta na sua maioria de inglezes neurasthenicos, velhas impertinentes e mocinhas tisicas. Essa gente, que tosse e tem medo do sol, esconde-se em pittorescas barraquinhas, de onde só sahe para o banho a hora determinada pelo medico, dá dois mergulhos n'agua e foge incontinente, volta a se esconder sob o toldo de lona de sua barraca, onde já a aguarda a colher de charope da receita.

No Rio, pelas praias... Como é diverso tudo! E' emfim a saude vibrando no riso robusto da mocidade.

Têm pois razão as as ondas quando parecem dizer ao mar, recebendo as suas companheiras, as banhistas: «Cuidado, velho rabugento, não faças mal ás nossas amiguinhas!»

Tunnel João Ricardo

Foi feita no dia 24 de Dezembro ultimo, com toda a solemnidade,, a ligação entre as duas galerias do tunnel João Ricardo, estabelecendo-se a communicação entre as ruas João Ricardo á rua Dez do Caes do Porto. A ultima descarga, em que foram empregados cerca de 60 kilos de dynamite foi dada pelo sr. Presidente da Republica por meio de uma ligação electrica. A obra tem grande alcance principalmente sob o ponto de vista da viação publica e commercial. Tem o tunnel 284.m40 dos quaes 85.m93 foram abertos ainda na administração Frontin e 198.m47 na actual administração do Prefeito Sá Freire. E' o tunnel mais extenso e mais largo do Rio, tendo entre pés direitos, a largura de 13.m20. Os cortes de accesso ás boccas do tunnel, correspondem ao volume de 19186.m3313, alcançando o material extrahido do interior do tunnel o total de 20779.m3530. Durante a administração do Dr. Paulo de Frontin foram as obras dirigidas por uma commissão de oito engenheiros, tendo como chefe o Dr. Mario Bello. Na administração Sá Freire, as obras passaram para a Directoria de Obras da Prefeitura, sendo engenheiro chefe das mesmas, o Dr. Marques Porto que teve como ajudante o Dr. Romeu de Sá Freire. A inauguração foi feita com todo o successo havendo o sr. Presidente da Republica, Prefeito, Ministros e grande numero de pessôas que compareceram á brilhante solemnidade, atravessando o tunnel de uma extremidade á outra depois da explosão. As despezas effectuadas com a perfuração montam a 1.987:537$124, dos quaes 1.321:289$698 na primeira phase das obras e 666:247$426 na segunda.

As nossas photographias representam, o sr. Presidente acompanhado do Dr. Sá Freire, Prefeito do Districto Federal, Dr. Octavio Penna, Director de Obras Municipaes, Engenheiro Marques Porto e Romeu de Sá Freire, antes e depois da ligação das galerias. No medalhão, uma vista do interior do tunnel, tomada do lado da rua João Ricardo, vendo-se ao fundo, a abertura em toda a largura do tunnel, produzida pela explosão ligada pelo Dr. Epitacio Pessoa. Em baixo, manifestação dos operarios ao Dr. Marques Porto, engenheiro chefe.

As rosas de Frei Martinho

(CONTO MEDIEVAL)

I

Mal clareava o dia, deixava fr. Martinho o merencoreo silencio da cella, e ia sentir o ar puro da manhã, no jardim do mosteiro. Muito tempo havia que fr. Martinho era o jardineiro do silente ascetério.

Não tinha quem o ajudasse. Sozinho, mettido no burel escuro que lhe cobria o corpo magro e doentio, affeito ao cilicio e ao jejum, passava horas a fio, tacitas e longas, entre os floridos e perfumosos canteiros monachaes...

A sua attenção era repartida para todos os cantos do jardim; ao seu piedoso olhar nada passava despercebido: — uma roseira, ou um craveiro que cahiam tristonhos, sem arrimo, e logo a mão incançavel do eremita, chantava na terra, a estacasinha que protegia a haste a se fanar; tirava as flores ressicadas que cahiam sobre os canteiros; cortava corollas murchas que pendiam sem viço e sem olor dos galhos virentes; arrancava as hervas maninhas que brotavam entre as delicadas e mimosas plantas.

Ao descahir da tarde, o regador cheio d'agua, ia o paciente monge dessedentar a terra ressequida pelos ardentes raios do sol.

Do comprido e austero pateo, avistava-se o jardim. Chamavam-no — o jardim de Martinho. E, tantos e tão abundantes canteiros de rosas havia, que chamavam tambem, — as rosas de fr. Martinho.

Aquellas rosas, lindas que eram, não pareciam que as cuidavam mãos de simples mortaes, e sim que as cultivavam, alvissimos e perfumados dedos de fadas deslumbrantes, que as tivessem feito nascer, ao mádido contacto de um beijo ou á magia irresistivel d'um olhar. Possuiam as flores de Martinho, aromas tão vivos e fortes, que, bastas vezes, tristonhos monges, ao passeiarem no jardim, a procura de calma e mansidão, embriagaram-se ao sentir aquelles perfumes mysteriosos e penetrantes, que lhes reviviam lembranças peccaminosas do mundo... Estonteados, transidos de remorsos, fugiam ás seducções daquellas flores embriagantes...

No entanto, Martinho, nunca dalli sahira repêso e envergonhado. Aquelles canteiros, eram como esplendidas aras, que elle, todo dia, enriquecia e ornava.

Martinho era muito estimado pelos seus abnegados companheiros de reclusão, não só por suas accendradas virtudes e grande fervor religioso, como pela sua extrema bondade.

Os mais moços, os menos experimentados, procuravam-no e pediam lhe conselhos e alvitres, confiantes no seu reportado saber e cautelosa prudencia. Martinho a todos respondia, tendo sempre blandiciosas phrases de suave alento.

Mas, facto estranho, quando alguem se referia a amores, Martinho começava de falar em suas rosas; — que plantára em tal dia, uma roseira linda, que dava umas rosas amarellas, claras, como oiro diluido... — que colhera, ha tempos, umas rosas vermelhas, rubras, como sangue... — que estava esperando, muito ancioso o mez de Junho, para que uma roseira lhe desse umas rosas estranhas, roseas, como a nesga do céo, num entardecer de inverno... — que tinha, ao canto dum velho muro, uma roseira trepadeira, muito curiosa, meio amarella, meio tarjada...

Nas noites claras de luar, no pateo monastico, embebido em extase profundo, costumava fr. Martinho mirar o livido clarão da lua como se lesse naquella luz pallida, prece de infinito consolo.

Rememorava, naquellas noites, o passado distante... Lembrava-se de Clélia, loira e esbelta fidalga, d'olhos azues, cheios de brilho e ternura. Amava-a tanto... amava-a com todo o fervor da sua mocidade aurorescente.

O pae, porém, cheio d'orgulho, não quiz dar a filha a um individuo de condição humilde como a delle e prohibiu que Clélia retribuisse o seu amor ardente.

Impoz logo um casamento, para elle, tão vantajoso, quão para ella, cruel e triste.

Alvaro, opulento fidalgo, velho, minado pela cachexia, era o noivo escolhido por Fernado para a filha. Como luctar contra os que podem? Contra os que tudo têm?

Elle, cuja unica riqueza, era a sua mocidade vigorosa, seu torso forte e amplo, sua mão callosa e rude, seu coração sincero e devotado.

Vivia a encaminhar rebanhos, galgando montanhas, correndo rechans, vadeando rios, transpondo ravinas, penetrando florestas...

O outro, tão elegante e tão subtil... Acostumado nos luxuosos saráus a tocar levemente as mãosinhas enluvadas de damas formosas; a cavalgar corceis ricamente ajaezados; a vestir custosas sedas e velludos raros, a mão, adextrada no caprichoso manejo de espadas de laminas açacaladas...

II

Quando separados, os corações que se amam, as almas que se querem, os espiritos que se procuram, percorrem, vencem, destroem os mais perigosos obstaculos, desfazem os mais terriveis impecilhos, para se encontrarem, se fundirem na communhão do amor, na doçura ineffavel do beijo...

Era noite. Desenhava-se na escuridão, o grandioso vulto da casa de Fernando. Ouvia-se, apenas, o indolente rumorejar do arvoredo e o pio plangente de aves noctivagas.

Uma sombra surdiu por cima da grade da magestosa habitação, entrou no jardim, e, caminhou silenciosamente por entre as devesas tortuosas.

Num caramanchel florido e fechado, a filha de Fernando esperava alguem com anciedade.

Aquelle vulto era Martinho... o apaixonado mancebo enlaçou nos braços tremulos, o corpo virginio de Clélia, que tinha a doirada coma desnastrada.

A lua, serena e fria, espalhava o clarão funério, qual o manto da morte, distendido sobre aquelle hymeneu...

Manhã. O sino da igreja tangia lugubremente. Martinho parou á porta do palacio de Fernando; seus olhos fixaram-se nas janellas abertas.

Havia um movimento insolito. A velha e grandiosa morada enchia-se de gente.

— Teria feito ella o que me prometteu? — pensou o moço.

Teve desejos de entrar. Ninguem, por certo, o notaria. Entrava toda gente, — fidalgos, soldados, gente do povo, velhos, mulheres, criançinhas...

Subiu asinha, a escadaria de marmore. Na sala silenciosa jazia o gelido cadaver de Clélia...

Findara de volta do derradeiro adeus do caramanchel florido...

Encontraram-na morta, no leito, os labios semi-abertos, num sorriso doloroso. Martinho poude entrever a face pallida da morta, alumiada pelas chammas crepitantes dos brandões enfileirados.

Vestia-a uma profusão de rosas — rosas de todas cores — rubras, brancas, roseas, jalnes, carmezins... Os labios outr'ora vivos como o amarantho, tinham agora a funerea pallidez das angelicas.

Extingura-se a luz dulcissima e candida, que illuminava aquelle rosto todo de suave encanto.

Destacavam-se das rosas coloridas e rescendentes as pequeninas mãos, qual petalas de assucenas entrelaçadas...

— Está tão bonita no seu vestido de rosas — soluçou Martinho.

De repente, sentiu que reparavam nelle. Ia ser reconhecido... Quiz fugir, não o poude; as pernas pesavam-lhe.

— Quem é esse homem? Um villão. Ponham-no fóra — vociferou alguem.

Sentiu mãos pesadas cairem-lhe nos hombros.

— Saia!

Era um lacaio que o escorraçava desdenhosamente. As lagrimas afogaram-lhe a garganta, sahiu, febricitante, ajoujado á sua dor...

Depois, deixou o viver fallaz do mundo e fez-se monge. Mas o seu coração torturado, jamais cessou de pulsar pelo seu amor perdido...

III

Isso, revia o asceta jardineiro, naquellas noites claras de luar, no pateo monastico, embebido em extase profundo, a mirar o livido clarão da lua como se lesse naquella luz pallida, prece de infinito consolo!...

Certa noite, sahia do santuario sombrio, um frade que voltava da penitencia. Espectral, as sandalias batendo nas lageas frias do corredor, em cujas paredes desenhava-se a sua sombra, como fantasma nutante. Ao passar pelo pateo, notou que Martinho não se achava alli, havendo, no entanto, tão bello luar! Costumava vêl-o sempre, nas noites enluaradas, no pateo, a namorar a lua...

Mas, sem saber porque, lembrou-se que fr. Lucas, pela manhã, dissera que haviam desapparecido, todas as rosas dos canteiros e que o nicho de Nossa Senhora, não tinha uma só flor.

Durante todo o dia, ninguem vira Martinho, o paciente amante das flores e das noites de luar.

Depois, veiu-lhe á mente a conversa de outro monge com fr. Vicente.

— E' singular! — disse este, — fr. Martinho já não é o mesmo. Note como elle anda agora triste, calado. Parece até que é doença.

— E' verdade — volveu o outro. Já não é o mesmo. Fala sempre com acrimonia, com desabrido mau humor. Perdeu aquelles modos doces e bondosos que antes lhe eram proprios.

— E anda tão melancolico, tão adentrado comsigo — ajuntou fr. Vicente — não diz nada a ninguem, parece ate que é doença... Ainda hontem, não acceitou alimento algum.

Ao passar pela cella de Martinho, o frade retardatario empurrou brandamente a porta, que girou sem ruido nos quicios. A luz mortiça de uma vela, espargia claridade suave pelo aposento illuminando o cadaver de Martinho... O clérigo recuou espavorido, estonteado pelo perfume intenso e suffocante das flores. Por toda a parte, rosas espalhadas: no catre, na mesa, na cadeira, no oratorio. No chão, estendia-se polychromo tapete de petalas — rosas murchas e seccas, flores mirradas; rosas de todo desabrochadas, botões ainda entre-abertos.

O monge olhava, livido, aquelle quadro tragico — doloroso epilogo de uma historia de amor, que se resumia, num longo beijo dado á luz da madrugada e numa tumba florida...

Ao erguerem o corpo de fr. Martinho, tombou do peito exangue um retrato de formosissimo rosto feminino, e os monges, ao fitarem a estampa profana, recuaram aterrados, como se vissem a imagem ustória do demonio.

Houve espanto geral! Martinho, que pregara e praticara sempre, a mais rigida moral, guardava, sacrilegamente, entre os objectos sagrados, aquella figura diabolica do peccado!

Quando, porem, passados tempos, ajoelhados os freires, na doçura mystica dos agoniados threnos e elegias, resavam pela alma de Martinho, sentiram, quasi todos, no fundo do peito, o delicioso peso dum retrato de mulher, e, varios delles, pressurosos, disputaram a gloria de continuar a cuidar das rosas de frei Martinho...

ROBERTO SEILD

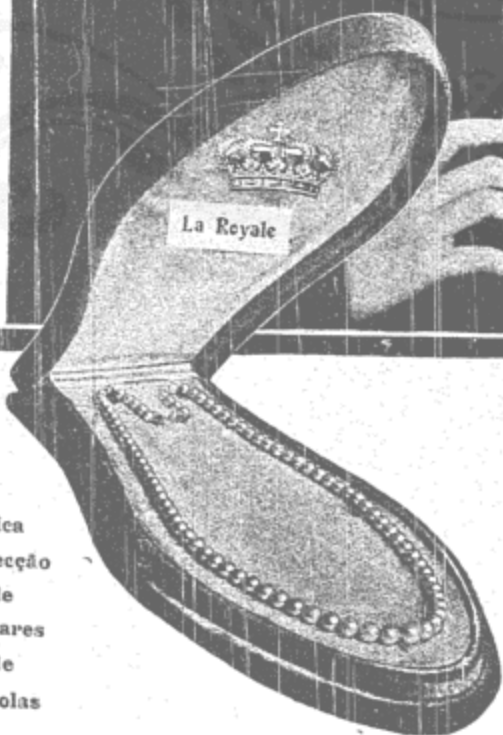
Inauguração do busto do sr. Alfredo Ellis no Centro Paulista

Os que são «páus»

Extrahimos de uma chronica financeira o seguinte: «Ha dias tratei aqui da nossa exportação global. Ou por outra, da exportação geral do paiz. Hoje vou tratar desta mesma exportação, de modo particular. Ou por outra, de Estado por Estado.»

Perdemos de todo a vontade de ir adiante. Ou por outra, contentámo-nos com esse pedacinho.

La Royale

Tem as joias de mais fino gosto,
e o maior sortimento em
objectos de arte para presentes.

Avenida Rio Branco, 130

Rica collecção de collares de perolas

O mais feliz

(MELODIA DESAFINADA NUMA VELHA TECLA...)

O fim do anno ahi está. E' um assumpto banal para chronica, esse de dizer do anno que termina e vai dar começo a outro, phenomeno acompanhado pelo renovamento das nossas esperanças. Mas, é assumpto obrigatorio, que pinga do bico da penna de 365 em 365 dias.

* * *

Jeca Tatu, quando vem chegando este tempo, puxa uma fumaça do cigarrinho de «páia.» olha o céo e faz uns calculos. Os calculos de Jeca Tatu são quasi sempre deste teör:

— Este anno vai «sê» mais «mió.»

Infelizmente, são calculos que falham, em regra geral. Em regra geral o anno que entra é peior que o que sae. Isto pela simples razão (simples como agua) de que cada dia o velho «deficit» de Jeca Tatu augmenta um bocadinho. E cada dia a palha do telhado está peior. Cada dia desapparece uma gallinha do terreiro, ou no minimo, um pinto. Neste ultimo caso Jeca Tatu exclama:

— Como ha ratos por aqui!

Assim, hora a hora, cresce a miseria de Jeca Tatu. Elle tem, como é sabido por muitas leguas em redor, as suas finanças compromettidas. Compromettidissimas. E ha tanto, isso, que até já perdeu a memoria de quando começou a lamentavel ruina. O facto, o doloroso facto é que a roça produz regressivamente menos. Os commerciantes — principalmente os mascates, como o João Turco e o Joseph Slabchara, que por ali passam offerecendo coisas, tentadoramente — não lhe fiam mais nada. Por outro lado, o homem da loja de ferragens da cidade, que vendeu uns machados e enxadas a Jeca, acredito quer penhoral-o por falta de pagamento. Mas, penhorar que? Aquelle rancho de sapé misero? Aquellas panellas de barro onde Jeca faz o pirão de farinha? Os quadrinhos de santos espalhados pelas paredes, para «abençoá» a casa? O cachorro magricella? E o «tiquinho» de terra que é o dominio geologico de Jeca? Puerilidade! Por essas taes e outras tantas o credor, o citado homem da loja de ferragens da cidade, vai deixando que o tempo passe, na esperança idiota de que Jeca possa pagar amigavelmente. Jeca, que é velhaco, tem la no seu intimo uma outra esperança: de que a divida prescreva. Pois Jeca Tatu, seja embora um homem «sem instrucção». e «mal sabendo garranchá o nome», tem manhas juridicas, apprendidas por instincto com o só respirar a atmosphera de seu paiz onde tambem respiram dois milhões de bachareis em direito.

E a vida de Jeca Tatu decorre tranquilla como aquella aguasinha clara do rio onde elle ás vezes, na falta de outra coisa para comer, vai pescar uns bagres. Sim, muito tranquilla a vida de Jeca! Só o que a perturba são: durante o dia, as moscas, á noite, o martellar dos sapos na solidão e no silencio.

Dizem que Jeca é doente. Elle ja o ouviu da bocca de um moço da cidade que passou pela vendinha da estrada, um tal de Belisario. «Um boticario, si não me engano.» Mas Jeca não acredita que esteja doente, doente mesmo de verdade.

— Quá!

E cospe do lado. Bate na barriga. Mirrada, cheinha de pirão e peixe frito, e sente-se forte.

— Eu, molestia.

Enfia a mão por dentro da camisa e mostra, «p'rá quem quisé vê», um cordão de copiá com um saquinho (sujo de suor) dependurado.

— Neste pello não entra nada. Deixa falá.

O que Jeca não gosta que digam delle é que é «anarphabéto.» Damna com quem o affirma.

— Sabê contá rodéla, tê umas caraminhola na cabeça não enche barriga de ninguem. Adepois, graças a Deus eu não sei lê mas assigno o meu nome, sim sinhô. Nas inleição eu votei «tá» lei:

O voto eleitoral é a secreta paixão de Jeca Tatu. O seu orgulho. A sua coqueluche. A sua cachacinha...

Para que deseja elle o voto? Conhece o merito dos candidatos? Tem certeza de que elles representam a sua presumivel opinião? Nada disso. De resto, pouco importa a Jeca Tatu que os votados sejam A ou B, e façam optimo ou pessimo uso do mandato. O que Jeca deseja... ora pilulas! O que Jeca deseja é «exercer o sagrado direito do voto».

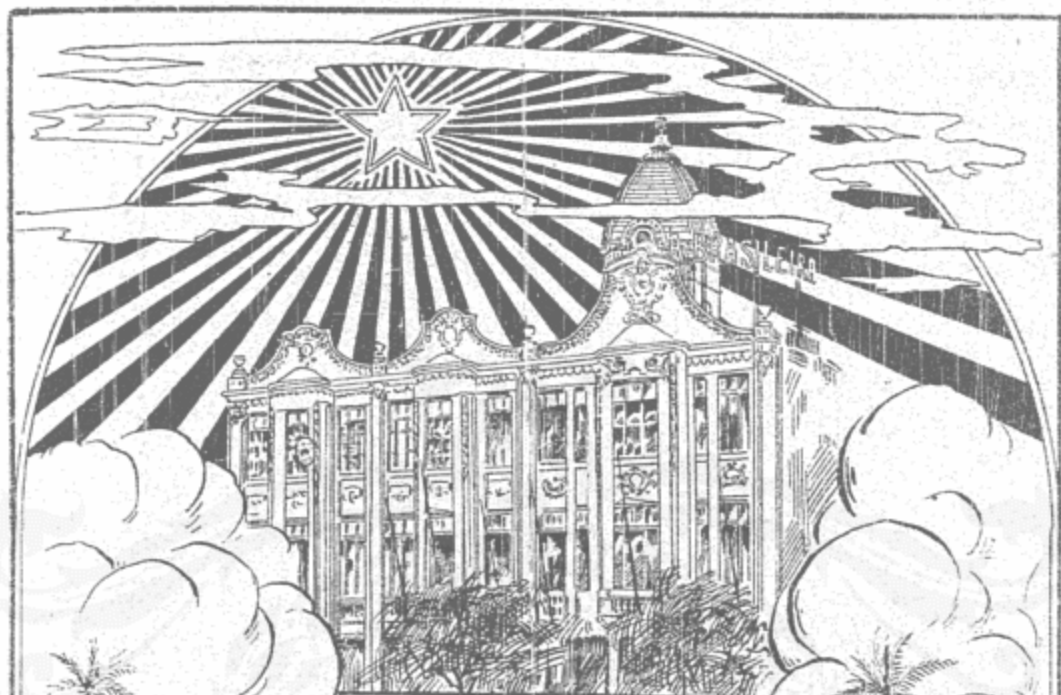
No fim do anno, apoz doze mezes de inercia e alguma discussão sobre politica, na venda do «seu Antonho,» entre dois golinhos de «pinga,» Jeca Tatu constata que está cada vez mais pobre.

Mas Jeca Tatu — dizem os companheiros — é de uma raça eminentemente sonhadora. Raça de gente poéta. Raça «succo.» Assim, Jeca não desespera. Antes, espera. E a sua frase, quando chega o fim do anno, é invariavelmente esta:

— Este anno vai sê mais mió.

E ahi está a sua psychologia.

Tarata-tchin, tarata-tchin, tarata-tchin, pum!

ANTONIO SIMPLES

A' Brazileira

As mais bellas sedas.

Os tecidos mais bellos e modernos.

Confecções de alto chic parisiense.

Artigos para creanças.

Alfaiataria e roupas brancas para homens.

Visitem

A' Brazileira

Largo de S. Francisco 38-42

Banqueiros

Ha alguns annos andaram por aqui dous filhotes de Rothschild, que muito occuparam a attenção carioca, masculina e feminina, tendo sido descriptos nos jornaes desde a côr do bigode até o bico dos sapatos.

Parece que eram dous rapazes de bôa linha. Não se exhibiram, não concederam interviews e, ao se retirarem, mandaram entregar ao prefeito dez contos para os pobres da cidade.

Agora andam ahi uns banqueiros americanos, que não podem deixar de ser importantes, pois até conferenciam com o presidente da Republica.

Alerta, Srs. Mendigos!

Um jornal trouxe um artigo sobre a classe que vive mais. Ha opiniões de que são os intellectuaes. Outros dizem que são os camponios. Uns dizem que são os solteiros, outros que os casados. Estas discussões sobre longevidade me parecem ociosas. A classe que mais vive, sem duvida nenhuma, é a dos macrobios.

X.

BLENORRHAGIAS
CATARRHOS DA BEXIGA
CYSTITES AGUDAS

MEDICAÇÃO ESPECIFICA E IRRESISTIVEL

CAPSULAS de SANDALO SALOLADO SILVA ARAUJO

EXIGIR O NOME DO FABRICANTE COMO CONDIÇÃO INDISPENSAVEL

Uma bronchite chronica, rebelde aos esforços dos soccorros medicos, foi completamente debellada e radicalmente curada com o maravilhoso *Peitoral de Angico Pelotense.*

Attesto que soffrendo de uma pertinaz bronchite, que por muito tempo me impediu de trabalhar, e apezar dos soccorros medicos nunca consegui allivio; recorrendo ao *Peitoral de Angico Pelotense,* estou radicalmente curado. E por ser verdade faço o presente e assigno.

Pelotas, 27 de Dezembro de 1910.

Avelino Alves de Moura Bastos.

Vende-se em todas as pharmacias, drogarias e casas de commercio. — Fabrica e deposito geral:

Drogaria Eduardo C. Sequeira — PELOTAS

BRINDES

Se V. S. deseja receber gratuitamente o Almanack do «Elixir de Inhame», queira enviar o coupon abaixo ao «Laboratorio Goulart», á
Avenida Salvador de Sá n. 188, Rio.

COUPON N. 21

Nome...
Profissão...
Rua.................................... N.........
Districto.............. *Municipio*..................
Estado...

A Joalheria Oscar Machado

Participa a sua numerosa freguezia e ao publico que tendo de realizar grandes obras no seu estabelecimento á rua do Ouvidor ns. 101 e 103, resolveu fazer grandes abatimentos nos preços de seu enorme "stock" de Joias, Relogios, Pedras Preciosas, Artigos de Prata e Objectos de arte.

Convida portanto a seus freguezes e ao publico a fazerem uma visita a seu estabelecimento onde adquirir bellos presentes para as proximas festas do <u>Natal</u> e <u>Anno Bom</u> a preços excepcionaes.

Oscar Machado

101, Rua do Ouvidor, 103

Canto da Rua Sachet

Telep. NORTE 2367

Trophéos da guerra

Era costume, religioso até, que aos generaes romanos, quando victoriosos, o Senado, a seu alvedrio, lhes concedesse as honras do triumpho. Sabe-se como foi difficil a Paulo Emilio, o vencedor de Perseu e conquistador da Grecia, obter o seu. Foi um dos mais bellos de Roma e Plutarcho nos dá, na sua prosa cheia de natural e clareza, uma descripção minuciosa delle. São espectadores de branco nas archibancadas, erguidas pelas ruas; nellas, houve queima de perfumes caros; uma chusma de carros cheios de estatuas, quadros, armas de preço, joias, etc. Atraz do cortejo, que desfilou tres dias, marchavam 3000 homens, levando prata amoedada, em jarrões, alguns contendo tres centos talentos e carregados por quatro escravos. Emfim, não se precisou mais detalhar e copiar o Plutarcho, para dar idéa de que fosse um triumpho romano.

Com a nossa victoria sobre os Allemães tambem vamos tendo o nosso e a nosso geito.

O nosso almirante voltou da Europa, comboiando, com a sua esquadra de guerra, a frota mercante, que tinhamos emprestado á França, para as necessidades de seu abastecimento. Ella está ahi.

Não contentes com isso, os nossos alliados resolveram ceder, para prova do triumpho das nossas armas, seis torpedeiros de alto mar.

Duvida não póde existir que a prova de consideração á nossa efficiencia na guerra, é grande.

Ninguem ha de achar o contrario, porquanto a offerta é valiosa, podendo até ser transformada em ouro que valerá — estou certo — muito mais que o maravilhoso e inesperado saldo que o governo espera, no fim deste anno, obter no balanço entre as verbas orçamentarias da receita e despeza.

Entretanto, um jornal diz que elles, os torpedeiros, virão desarmados parcialmente.

Fale o «Correio da Manhã» textualmente:

«A sua defesa limita-se a uma peça de 201 mm., para cada unidade.»

Está ahi um presente de gregos: monstros desdentados! Hom'essa!

Ultimamente, li no «O Estado» de Niteroy, em cabeçalho de telegramma, isto:

«Os Estados Unidos resolverão ceder ao Brazil dez toneladas de carvão de pedra.»

Dez! Nem para um hotel de segunda ordem! exclamei.

Emfim, reflecti com os meus botões, estamos na miseria e, de vintem em vintem, como a gallinha faz com o grão e o papo, o miseravel enche a bolsa com vintens.

Continuei a ler e vi que se tratavam de dez mil. Antes assim! Ao menos esse trophéo de victoria não nos chega mutilado, nem nos é negado. Salve, Brazil!

HORACIO ACACIO

— Em que me pareço eu com o meu paiz.
— E' que te chamas Brazil...
— E' que ambos temos um eterno *defficit* e ainda não estouramos o miolo.

— Sabes porque se chama de anno-bom todos os annos que começam?
— E' um modo de dizer.
— Não. Diz-se que o anno é bom porque ainda não foi vivido.

TROVAS

Artigo de exportação
Que entrou para a nossa lista,
Engradado em esconjuros,
Embarcamos o anarchista.

Um pintor portuguez chegou a uma cidade da Malta do Rio, para exercer a sua profissão, mas não teve grande exito. A freguezia não apparecia. Então para chamar a attenção para a sua casa, elle pregou na porta uma taboleta assim:

22 P P

Começaram a correr boatos de que o homem estava doido.

Querendo certificar-se o delegado mandou chamal-o, e perguntou que significava aquillo.

— E' o meu annuncio, disse o homem. Eu o ponho assim reduzido, porque por extenso não cabe na taboleta.

— Então explique:

— Quer dizer: Pedro Paulo Pinto Peixoto, Pobre Pintor Portuguez. Pinto Palacios, Portas, Paredes, Pilares, Pannos, Paineis, Pilastras, Paisagens, Predios, Panoramas.

O delegado contou as palavras, e disse:

— São só desenove PP; ainda faltam tres.

O homem accrescentou:

— Os tres que faltam são: Por Pouco Preço.

O delegado se deu por satisfeito, e mandou o homem embora.

Ao sahir, o delegado disse ao escrivão:

— E' um pobre homem.

Ouvindo a expressão, elle voltou-se para traz, e disse:

— Pobre? Pareço Pobre, Porem Possúo Patacas...

E se foi.